

A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA REGIONAL: UMA ANÁLISE A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DOS PROFISSIONAIS DE IMPERATRIZ-MA

REGIONAL JOURNALIST PRODUCTION: AN ANALYSIS FROM THE EXPERIENCE PROFESSIONALS OF IMPERATRIZ-MA

Thays Assunção Reis

Universidade Federal do Maranhão

ORCID: 0000-0001-6826-1096

Thaísa Bueno

Universidade Federal do Maranhão

ORCID: 0000-0002-7048-3920

Marcelli Alves

Universidade Federal do Maranhão

ORCID: 0000-0002-8014-3946

DOI: 10.9771/contemporanea.v22i1.64649

RESUMO:

O objetivo deste trabalho é compreender como jornalistas que atuam em veículos de comunicação de Imperatriz, no Maranhão, realizam a produção jornalística regional, isto é, aquela voltada para as cidades da região (Reis, 2018). Para isso, realizamos entrevistas com 17 profissionais da cidade entre os meses de fevereiro e março de 2019. Os resultados apontam que a produção noticiosa em Imperatriz é formada principalmente por notícias locais, regionais e as locais-regionais, tendo o WhatsApp como uma das principais ferramentas utilizadas pelos jornalistas para apuração e construção da notícia à distância, por meio de mensagens de texto, áudios, vídeos e fotos.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo regional; Jornalistas; Imperatriz; Maranhão

ABSTRACT:

The objective of this work is to understand how journalists who work in communication vehicles in Imperatriz, Maranhão, carry out regional journalistic production, that is, that focused on the cities of the region (Reis, 2018). To this end, we conducted interviews with 17 professionals from the city between the months of February and March 2019. The

results indicate that news production in Imperatriz is mainly made up of local, regional and local-regional news, with WhatsApp as a one of the main tools used by journalists to gather and construct news remotely, through text messages, audios, videos and photos.

KEYWORDS: Regional Journalism; Journalists; Imperatriz; Maranhão

INTRODUÇÃO

Perante o cenário de desertificação midiática, de fechamento de veículos jornalísticos, encolhimento das equipes, corte de despesas e diminuição da cobertura local no Brasil (Mick; Christofoletti; Lima, 2021), é válido conhecer como é realizada a produção noticiosa que cobre, além da cidade sede do veículo, as localidades da região. É nas cidades médias não metropolitanas (ou centros regionais) que essa prática, conhecida por jornalismo regional, se realiza e ganha destaque (Reis, 2022).

Entendemos por cidades médias espaços urbanos moldados pela interação de fatores sociais, econômicos, políticos e geográficos. Além de apresentar um tamanho populacional característico, elas desempenham um papel crucial como centros regionais de comércio, cultura e serviços (Maia, 2005; Pereira, 2007).

O desenvolvimento do jornalismo regional nas cidades médias está ligado ao processo de desconcentração dos meios de comunicação de massa fora do eixo da mídia nacional, situado na região Sudeste/Centro-Oeste, entre os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e o Distrito Federal (Fadul, 2006). Ao avançar para outras regiões do país, os meios foram se instalando nas capitais estaduais e/ou nas cidades médias do interior.

Em decorrência desse processo, observa-se hoje nos centros regionais a presença de mídias mais sustentáveis e influentes, como as estações de rádio, sucursais de grandes emissoras de televisão, os estúdios para produção de programação local de TV a cabo, os jornais diários, os semanários e mensários com recursos gráficos e editoriais de mais alto padrão e maior circulação que conseguem atender à demanda por notícia e informação do lugar imediato em que estão sediadas (local) e/ou da sua área de influência (região) (Deolindo, 2016).

Com base nisso, este artigo busca conhecer como os jornalistas da cidade média de Imperatriz, localizada no sudoeste do Maranhão, realizam sua produção jornalística regional. Pretendemos apresentar e caracterizar a rotina de trabalho envolvida no atendimento e cobertura das cidades do entorno e as mais distantes do território imperatrizense.

Para atingir o objetivo proposto, realizamos entrevistas semiestruturadas com 17 jornalistas atuantes em redações de veículos imperatrizenses, sendo três do jornal *O Progresso*, quatro do jornal *Correio*, quatro da *TV Difusora Sul* (afiliada ao SBT), três da *TV Mirante* (afiliada à Rede Globo) e três da *TV Nativa* (afiliada à Rede Record TV).

O texto segue dividido em seis partes: esta introdução; a base teórica sobre jornalismo regional; a descrição da metodologia; os resultados e discussões; e, por fim, nossas considerações.

ANOTAÇÕES SOBRE JORNALISMO REGIONAL

O jornalismo regional pode ser entendido como uma prática que acontece em uma microrregião, mesorregião, em um estado ou uma macrorregião brasileira e caracteriza-se, dentre outros aspectos, pela: “[...] maior proximidade geográfica dos fatos que reportam, com os leitores que privilegiam e com as fontes às quais dão voz; e a forte identidade sociocultural e político-econômica com os territórios que circulam” (Aguiar, 2016, p.17).

De forma mais específica, compreende uma atividade desenvolvida por veículos jornalísticos sediados em cidades médias não metropolitanas, cuja produção noticiosa extrapola os limites territoriais do município e contempla informações de outras localidades da região (Reis, 2018). Esse tipo de atuação, segundo Peruzzo (2005), passou a ter maior incidência no Brasil na década de 1990 quando as emissoras de televisão começaram a se preocupar em cobrir jornalisticamente as cidades vizinhas e não apenas as cidades-sede da estação geradora.

Além da TV, outros meios de comunicação no país também assumiram uma produção jornalística regional. Um exemplo é o jornal *Folha de São Paulo*, que publica edições regionais desde 1990 nas cidades de Ribeirão Preto e Campinas, e o portal de notícias das Organizações Globo, o G1.com, que criou a seção G1 Regiões em 2011 para noticiar eventos ocorridos em várias partes do país (Pinto, 2015).

Essas e outras iniciativas, conforme Deolindo (2013), preenchem a lacuna de informação deixada pela prática jornalística nacional e estadual referente à multiplicidade de acontecimentos que ocorrem no país. Os jornais regionais e locais, juntamente com os portais de notícias regionais, “publicam notícias de interesse direto e próximo da comunidade, ao mesmo tempo em que reproduzem informações dos grandes centros para manter o público informado do que se passa [lá fora]” (Deolindo, 2013, p. 7-8).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização desta pesquisa adotou-se uma abordagem qualitativa, com o emprego de entrevistas semiestruturadas (Duarte, 2005). Foram realizadas 17 entrevistas com jornalistas inseridos nas redações dos dois jornais impressos existentes na época da pesquisa (*Correio* e *O Progresso*) e de três emissoras de televisão (*Mirante*, *Nativa* e *Difusora Sul*). Selecionamos profissionais de diferentes perfis com o objetivo de enriquecer a compreensão sobre o jornalismo regional. Desse modo, construímos uma amostra formada por jornalistas: a) com e sem formação superior em Jornalismo; b) com tempo distinto no exercício da profissão; e c) envolvimento diferente na produção de notícias – repórteres, apresentadores, editores, produtores e cargos de direção. O Quadro 1 sistematiza as informações sobre o perfil dos jornalistas que participaram da pesquisa.

Quadro 1: Perfil dos jornalistas entrevistados

ENTREVISTADOS	IDADE	SEXO	TEMPO COMO JORNALISTA	FORMADO EM JORNALISMO	OUTRA FORMAÇÃO	EMPRESA	FUNÇÃO
J1	54	Masculino	35 anos	Não	Pedagogia	TV Mirante	Coord. de Jornalismo
J2	56	Masculino	25 anos	Não	Não	Jornal Correio	Repórter Policial
J3	30	Masculino	6 anos	Sim	Não	TV Mirante	Produtor e Repórter
J4	54	Masculino	32 anos	Não	Não	Jornal Correio	Editor de Esporte
J5	57	Masculino	35 anos	Não	Não	Jornal O Progresso	Editor Geral
J6	36	Masculino	9 anos	Sim	Não	TV Difusora	Repórter
J7	27	Feminino	6 anos	Sim	Não	Jornal Correio	Repórter
J8	55	Masculino	34 anos	Não	Não	TV Nativa	Apresentador
J9	51	Masculino	33 anos	Não	Teologia	TV Difusora	Apresentador
J10	27	Feminino	2 anos	Sim	Não	TV Difusora	Diretora de Jornalismo
J11	73	Masculino	28 anos	Não	Ciências Contábeis	Jornal O Progresso	Editor de esporte e polícia
J12	28	Feminino	5 anos	Sim	Não	TV Difusora	Produtora
J13	24	Feminino	3 anos	Sim	Não	Jornal Correio	Editora geral
J14	34	Feminino	12 anos	Sim	Não	TV Mirante	Repórter
J15	50	Masculino	31 anos	Não	Economia	TV Nativa	Repórter
J16	41	Feminino	22 anos	Não	Geografia	TV Nativa	Diretora de Redação
J17	56	Masculino	26 anos	Não	Direito	Jornal O Progresso	Repórter

Fonte: elaboração própria, 2019.

As entrevistas ocorreram de modo presencial entre os meses de fevereiro e março de 2019 na cidade de Imperatriz e foram guiadas por um roteiro (ou tópico guia, nas palavras de Gaskell [2003]) com 14 questões envolvendo o sistema de opiniões sobre as notícias

locais e regionais, motivações e experiências no processo de seleção e tematização e cobertura jornalística dos municípios da região de Imperatriz.

Todas as conversas foram gravadas com o gravador de voz do celular e transcritas posteriormente com o auxílio do programa MaxQDA. O tempo das entrevistas variou de acordo com os profissionais, alguns detalharam as respostas às questões, enquanto outros foram mais sucintos – na média, as entrevistas duraram 30 minutos.

A partir das transcrições conseguimos ter um panorama dos pontos tratados nas entrevistas e, assim, realizar o processo de codificação aberta das respostas. Tal procedimento, conforme Flick (2004), consiste em aproximar os fenômenos descobertos e expressá-los na forma de “conceitos” (categorias). Neste estudo, os resultados das entrevistas foram agrupados em duas categorias analíticas: a) classificação das notícias e b) rotinas de trabalho na cobertura regional.

IMPERATRIZ E SUA MÍDIA

A cidade de Imperatriz está localizada na mesorregião oeste do Maranhão, mais precisamente na microrregião com seu nome. Faz divisa com seis municípios maranhenses (Cidelândia, São Francisco do Brejão, João Lisboa, Senador La Roque, Davinópolis e Governador Edson Lobão) e o estado do Tocantins. Situa-se ainda “à margem direita do Rio Tocantins, possuindo duas rodovias que fazem a sua ligação com o restante do território maranhense e restante do país: a BR-010 (Rodovia Belém-Brasília) e a MA-122” (Oliveira, 2017, p. 43).

Considerada a segunda maior cidade do Maranhão, Imperatriz possui uma área de 1.369,039 km² e população de 273.110 habitantes. A densidade demográfica é de 199,49 hab/km² e o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é de 0,731, considerado alto (IDHM entre 0,700 a 0,799) pelo Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (Atlas Brasil, 2020; IBGE, 2022).

Do ponto de vista midiático, a cidade conta com oito estações de rádio, seis emissoras de televisão, um jornal impresso, 40 páginas na plataforma online (blogs, sites e portais) e nove revistas. Esse conjunto é formado por veículos comerciais vinculados a conglomerados de mídia regionais, pertencentes a igrejas, comunitários, de propriedade familiar e agências de publicidade (Matos; Sousa, 2019; Reis, 2022).

A cobertura jornalística na cidade é predominantemente realizada pela televisão, especialmente pela TV Mirante e TV Difusora, ambas retransmissoras de redes nacionais. No entanto, apesar de sua relevância na agenda midiática do estado, a cobertura desses veículos é precária, concentrando-se principalmente nos acontecimentos das cidades de São Luís e Imperatriz, deixando muitas outras regiões sub-representadas (Silva; Tavares, 2021).

Além disso, vale destacar que o Maranhão é caracterizado por uma escassez significativa de cobertura jornalística, conforme indicado pelo mapeamento de 2020 realizado pelo Atlas da Notícia, posicionando o estado como um dos que apresentam maior proporção de desertos de notícias por população no Brasil. Mesmo no ambiente online, a cobertura regional é deficiente, com poucos sites e portais disponíveis. No entanto, blogs locais desempenham um papel relevante na disseminação de informações e na criação de laços de proximidade nas cidades de São Luís e Imperatriz, embora seu conteúdo seja frequentemente opinativo (Barros, 2022). Além disso, a expansão das redes sociais como plataforma jornalística tem proporcionado novas formas de distribuição de informações (Silva, 2023).

ANÁLISES

CLASSIFICAÇÃO DAS NOTÍCIAS

Consideradas unidades básicas da informação do jornalismo (Filho, 2012), as notícias podem ser classificadas de diferentes formas – pela relevância social (*hard news* e *soft news*), pelo tempo em que ocorrem (factuais e não-factuais), pelo tema (política, cultura, esporte etc.) e pelas escalas geográficas (local, regional, estadual, nacional). Diante essas possibilidades, quando investigamos a notícia local e regional não encontramos definições precisas dos termos na literatura acadêmica. Geralmente são usados em referência a limites territoriais. Mas seria apenas isso? O que os jornalistas, em suas práticas cotidianas, pensam sobre o assunto? Eles veem diferença entre as notícias locais e regionais? Sobre estes aspectos comentamos a seguir.

É consensual entre os jornalistas entrevistados que as notícias locais não são iguais às regionais no processo produtivo, mas as distinções entre elas são percebidas de forma diferente pelos profissionais. Alguns consideram o “local” como a cidade, no caso Imperatriz, e o “regional” como outras cidades do Maranhão e até mesmo de outros

estados. O comentário do jornalista 2, do jornal *Correio*, ilustra essa percepção: “As notícias locais são aquelas que acontecem aqui mesmo em Imperatriz, e da região são das outras cidades” (J2, jornal *Correio*, 2019).

Os entrevistados J4, do jornal *Correio*, e J5, do jornal *O Progresso*, também compartilham do mesmo entendimento: “A notícia local é basicamente da cidade, de Imperatriz no caso, aonde nós estamos. E a regional é do estado ou até mesmo uma região, pegando outros estados” (J4, jornal *Correio*, 2019). “Quando a gente trata de local é da cidade, as notícias de Imperatriz. Regional a gente trata mais as notícias de cidades da região ou mesmo do estado” (J5, jornal *O Progresso*, 2019).

No caso da notícia regional, identificamos em algumas declarações uma delimitação mais precisa, associada tanto à região Tocantina¹ quanto à do Bico do Papagaio². “As notícias locais são aquelas mais focadas na nossa cidade. [...] Regional a gente já amplia um pouco mais até essa região do Bico do Papagaio, a região Tocantina” (J7, Jornal *Correio*, 2019). Na mesma linha, o jornalista 8, da TV Nativa, afirma:

Eu defino a notícia local como aquela do interesse do cidadão de Imperatriz. [...] É uma notícia que versa muito sobre educação, transporte municipal, segurança, as questões de ordem social, do dia a dia do cidadão que mora na periferia. [...] Já a notícia regional diz respeito às informações, no nosso caso, dos estados vizinhos como no caso do Bico do Papagaio, no Tocantins, parte do sul do estado do Pará, ou das cidades aqui do lado, Açailândia, São Pedro da Água Branca, Amarante, Estreito, entre outras (J8, TV Nativa, 2019).

Fora o aspecto territorial, alguns dos jornalistas diferenciaram a notícia local da regional a partir do impacto dos acontecimentos. Há notícias produzidas em Imperatriz que afetam apenas os moradores da cidade, por isso são locais, e há aquelas que atingem tanto os imperatrizenses quanto as populações de outros municípios, são então regionais. Esta visão está expressa nos depoimentos a seguir:

A notícia local pra mim é a que interessa só para Imperatriz. Por exemplo, a gente faz uma matéria em um bairro, é de interesse só da população daqui. Mesmo as pessoas que não moram nesse bairro, elas se preocupam devido a questão da proximidade. Mas quem mora em Açailândia não tá preocupado com esse tipo de informação. Por outro lado, quando fazemos uma matéria do Ciretran ou do INSS, que atendem os municípios da região, ela é uma notícia regional, porque as pessoas das outras cidades são atendidas aqui. [...] Imperatriz é essa capital regional de serviços, então muitas coisas que acontecem aqui ganham uma dimensão regional porque são de interesse das cidades próximas (J3, TV Mirante, 2019).

A notícia local é aquela que acontece exatamente em Imperatriz e que atinge a população daqui. Notícia regional é a que pode acontecer em Imperatriz, mas impacta toda a região.

Por exemplo, greve de funcionários no Socorrão é uma notícia regional porque ela vai atingir diretamente todo mundo que depende do hospital. Rua esburacada no Camaçari é notícia local porque vai atingir os imperatrizenses, necessariamente os moradores daquele bairro que estão precisando daquele espaço para trafegar. Tipo assim, as ruas esburacadas do Camaçari para quem mora em Davinópolis não interessa muito, mas uma greve de funcionários no Socorrão já interessa, pois é um hospital que atende pessoas de várias cidades do entorno (J10, TV Difusora Sul, 2019).

Considerando as distinções entre as notícias, perguntamos aos jornalistas se a produção noticiosa desenvolvida pelos veículos em que trabalhavam era local e/ou regional. Para a maioria, a produção é local e regional, sendo que na opinião de alguns entrevistados o local predomina sobre o regional, como evidenciado na seguinte fala:

Fazemos os dois tipos de produção, com prioridade para o que é local. [...] Veja só, o telespectador de Imperatriz se você coloca muitas pautas de São Luís, por exemplo, e que não tem repercussão aqui, ele já reclama. [...] Então sempre buscamos priorizar as notícias locais, pois elas despertam maior interesse nas pessoas que estão nos acompanhando (J9, TV Difusora Sul, 2019).

Os profissionais que apontaram a produção em duas escalas informativas, J1 e J14, ligados a TV Mirante, justificaram suas respostas a partir do programa em parceria com outras afiliadas. J3, da TV Mirante, por sua vez, argumentou com base na área de cobertura do veículo, e J5, do jornal *O Progresso*, fundamentou seu posicionamento na publicação de uma página regional pelo periódico.

Quanto aos demais jornalistas, quatro consideraram a produção como local, apesar de reconhecerem a presença das informações regionais em suas rotinas e nos produtos jornalísticos. Outros três disseram que a produção é regional, dos quais dois (J6 e J10, da TV Difusora Sul) usaram a área de abrangência das empresas como explicação para suas respostas.

Com base no reconhecimento pelos jornalistas de uma produção regional nos veículos de Imperatriz, abordamos a seguir os fatores envolvidos no processo de cobertura e atendimento das cidades da região.

ROTINAS DE TRABALHO NA COBERTURA REGIONAL

O trabalho jornalístico envolvendo a produção de notícias e o atendimento das comunidades da região de Imperatriz é desenvolvido, majoritariamente, dentro das redações com

o suporte do telefone, WhatsApp, e-mail e redes sociais. Desse conjunto, o WhatsApp é o principal canal de entrada das mensagens sobre outras cidades às redações. Pelo aplicativo, os moradores enviam suas demandas aos veículos, e os profissionais, inseridos em grupos locais, ficam sabendo o que acontece nas cidades, conforme comentam os jornalistas:

Muita coisa a gente recebe hoje pelo WhatsApp. [...] O próprio público, quando é uma denúncia, entra em contato com a gente pelo aplicativo e solicita uma equipe. Não vou muito longe, semana passada nós fizemos uma reportagem, não foi eu, foi a colega que foi em Montes Altos para cobrir um açude que embarreirou em determinado ponto, que ia cortar uma estrada importante para o escoamento da produção agrícola e para a passagem de fazendeiros com gado. [...] Ficamos sabendo dessa situação porque os moradores mandaram vídeos por WhatsApp para a gente. Nós até poderíamos dar a informação só com os vídeos, mas enviamos a equipe para a cidade (J14, TV Mirante, 2019).

Com o WhatsApp recebemos várias demandas de outras cidades que a gente nem imagina que o sinal da TV Difusora Sul chega. Por exemplo, Sítio Novo do Maranhão estava há mais de dez dias sem água no mês passado, e os moradores de lá mandaram vídeos das pessoas carregando os baldes de água. Por meio desse vídeo, o apresentador fez o comentário no jornal, cobrou providências e o prefeito da cidade entrou em contato com a gente e deu a resposta (J12, TV Difusora Sul, 2019).

Após receber as primeiras mensagens, os jornalistas seguem utilizando o WhatsApp para fazer a apuração e checagem das informações. Eles conversam com as fontes, solicitam áudios, vídeos e fotos, que no caso das TVs são colocados “no ar” quando a equipe não consegue se deslocar até a cidade. Quando há deslocamento para as cidades, o agendamento das entrevistas também é feito pelo aplicativo.

Mesmo que a equipe não vá até a cidade, [...] se acontece algo que seja de interesse público, a gente coloca uma nota com foto, nota coberta ao vivo. Alguém sempre manda vídeo, hoje com a internet facilitou muito esse trabalho por meio do WhatsApp. As pessoas mandam os vídeos, as fotos, a gente apura as informações, entra em contato com as partes responsáveis, pega as declarações e consegue fazer a nota e colocar no ar durante o jornal (J3, TV Mirante, 2019).

Durante o tratamento das mensagens recebidas por WhatsApp, as fontes oficiais e institucionais são as mais acionadas pelos jornalistas para a confirmação dos eventos em outras cidades e o aprofundamento das informações. Além do WhatsApp, a produção regional feita pelos veículos de Imperatriz conta com o apoio das assessorias de imprensa e departamentos de comunicação das instituições públicas – Ministério Público, Defensoria Pública Estadual, Polícia Civil e Militar – e de grandes empresas privadas – Suzano Papel e Celulose, Vale, Equatorial Energia, por exemplo. As assessorias atuam tanto no envio

de *releases* sobre ações nas cidades do interior do Maranhão pelas entidades quanto no contato com as fontes oficiais.

As assessorias das prefeituras, conforme os entrevistados, praticamente não funcionam, ou “funcionam como puxa-saquismo, só para divulgar o que o gestor faz”, segundo um comentário. Uma exceção observada em algumas declarações foi a assessoria da prefeitura de Montes Altos, que desenvolve um trabalho mais ativo junto à mídia imperatrizense. O assessor de lá é um dos poucos na região formado em jornalismo (UFMA em Imperatriz).

A rede de contatos estabelecida pelos jornalistas também facilita a produção de notícias regionais em Imperatriz. Durante as entrevistas, dois profissionais disseram que mantêm diálogo frequente com os comunicadores das rádios comunitárias e de outros veículos da região para fazerem a cobertura dos acontecimentos nas cidades circunvizinhas do estado do Maranhão e Tocantins.

Nós temos vários parceiros nas cidades aqui da região Tocantina - em Augustinópolis (TO) nós temos o Paulo Palmares, Araguatins (TO) nós temos Eliezer Almeida, na condição de correspondentes, só como exemplos. Também nos municípios contamos com o apoio das emissoras comunitárias, cujos apresentadores nos informam quando o acontecimento é interessante. Cada cidade dessas tem uma emissora de rádio ou uma repetidora de televisão, tem sempre alguém que cuida da comunicação e que mantém contato conosco. A gente firma parceria, aquele *feedback* onde eles nos passam informações de lá, e a gente repassa as daqui que são de interesse de lá (J8, TV Nativa, 2019).

O aproveitamento de material de outras emissoras afiliadas pelas TVs, de *sites* e assessorias pelos jornais impressos é outro recurso adotado pelas redações para suprirem o espaço das notícias regionais. Um jornalista (J9, da TV Difusora Sul) demonstra essa situação ao comentar: “A gente tem pautas aqui que vão ao ar ‘Na Hora D’ produzidas pela equipe de São Luís e por outras filiadas da rede em qualquer outra cidade do Maranhão” (J9, TV Difusora Sul, 2019).

Os deslocamentos até outras cidades para o acompanhamento *in loco* dos acontecimentos são mais raros nos jornais impressos e acontecem em situações factuais de grande impacto, crimes ou tragédias, como garante um jornalista do jornal *O Progresso*:

Só deslocamos algum jornalista para fora quando há fatos importantes, como esse que houve do assassinato do prefeito de Davinópolis. [...] Agora, quando a notícia é de menor impacto, aí a gente procura outros meios, através de colegas que militam nessas outras cidades, a gente liga, pede que eles mandem alguns dados por WhatsApp e aqui a gente trabalha a matéria (J5, Jornal *O Progresso*, 2019).

Nas emissoras de televisão é mais frequente a ida das equipes para outras cidades, sobretudo aquelas que estão nos arredores de Imperatriz, como Açailândia, João Lisboa, Senador La Roque, Buritirana, Ribamar Fiquene, Davinópolis e Governador Edison Lobão. “Por ser uma distância pequena, a gente consegue ir bastante até as cidades vizinhas. [...] A gente manda, por exemplo, uma equipe lá em João Lisboa pela manhã, a equipe vai e volta e a matéria está no ar meio dia” (J9, TV Difusora Sul, 2019). Deslocamentos mais distantes também acontecem, mas não regularmente, apenas em casos de coberturas factuais ou de reportagens turísticas.

Essa realidade de deslocamentos eventuais ou limitados ao conjunto de cidades mais próximas geograficamente de Imperatriz está relacionada a uma das principais dificuldades para o desenvolvimento da cobertura regional apontada pelos jornalistas: as equipes enxutas.

Falta uma equipe maior para atender tanto as cidades da região quanto Imperatriz, que por si só já nos oferece diariamente inúmeros fatos que rendem notícias. [...] Com a equipe que temos hoje não conseguimos dar conta de tudo. [...] A gente lamenta por isso, pois o ideal seria estar mais presentes nos municípios mais distantes, na região do Bico do Papagaio, trazer notícias lá de Praia Norte que nos acompanha, de Araguatins, enfim. Mas temos essa dificuldade de pessoal (J9, TV Difusora Sul, 2019).

Ainda em relação às organizações, os jornalistas destacaram como dificuldade para a produção regional o acúmulo de funções, a falta de tempo e as questões financeiras envolvidas nos deslocamentos para outros municípios da região, especialmente os mais afastados das sedes das empresas.

No contexto das cidades, o entrevistado J7, do jornal *Correio*, citou como obstáculo à cobertura jornalística as condições das tecnologias da informação e comunicação. “Tem algumas cidades que não pega celular direito, não pega internet direito. Então tudo isso dificulta no momento de confirmar alguma informação, de trazer informação até a gente” (J7, jornal *Correio*, 2019). Por sua vez, J10, da TV Difusora Sul, assinalou a escassez de jornalistas com formação nas cidades do interior.

A falta de profissionais de jornalismo com formação acaba dificultando quando a gente precisa usar um correspondente ou falar com alguém de alguma dessas cidades, pois as pessoas que estão envolvidas com a comunicação, mesmo que trabalhem há muito tempo na área, tem dificuldade com texto, com formato da matéria (J10, TV Difusora Sul, 2019).

Apesar de a maioria dos entrevistados admitir a existência de dificuldades para a produção regional, especialmente no que diz respeito aos deslocamentos, alguns deles

reforçaram que a internet facilitou o trabalho de atendimento às populações da região. “[...] Hoje a internet ajuda demais a gente a cobrir as notícias dessas cidades. Então é algo que a gente não pode ignorar de forma alguma” (J16, TV Nativa, 2019). Nesse cenário, o WhatsApp e as redes sociais via grupos (páginas e perfis das cidades) favorecem o acompanhamento da vida cotidiana desses locais pelos jornalistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos depoimentos dos jornalistas imperatrizenses, chegamos às seguintes conclusões: a) as notícias locais são diferentes das regionais, sendo o “local” voltado para a cidade (Imperatriz) e o “regional” para outras cidades da região; b) os veículos imperatrizenses apresentam também notícias locais-regionais (que ocorrem no município, mas impactam a região), além das estaduais, nacionais e internacionais, capazes de conectar a cidade média com os centros urbanos de maior hierarquia.

Sobre a rotina de cobertura regional, percebemos que o WhatsApp, além de ser uma das principais ferramentas utilizadas nas redações brasileiras, é um elemento chave na cobertura regional e atendimento das populações vizinhas de Imperatriz. Seu uso faz parte do processo de reconfiguração da produção noticiosa para o exercício de uma prática mais ágil e de fácil acesso às fontes e acontecimentos de modo instantâneo. Esta é a versão positiva mais popular entre os profissionais. Em paralelo, Grohmann (2021) aponta o mesmo cenário como dependente de plataformas de trabalhos, com a utilização do WhatsApp reforçando práticas de comodismo ou de “jornalismo sentado” (Neveu, 2006; Pereira, 2004).

Se antes era complicado para o jornalista “levantar” para ir às cidades vizinhas, agora é mais difícil. Por isso os depoimentos dos jornalistas de Imperatriz convergem principalmente para a chegada da ferramenta como solução para a cobertura regional, a qual raramente ocorria. Antes da ferramenta tecnológica, boa parte das localidades do entorno eram invisíveis, salvo em caso de fatos de extremo interesse público, como tragédias e mortes de personalidades.

Por outro lado, a presença do WhatsApp nas redações favorece o recebimento de uma alta demanda de informações das cidades vizinhas e, conseqüentemente, um desperdício de tempo dos jornalistas para, primeiramente, selecionar o que é noticiável ou não e depois checar a procedência, evitando assim cair nas armadilhas das *fake news*.

Um áudio sem identificação informando transtornos em atendimento hospitalar local torna-se uma peça estressante de apuração: quem encaminhou é a fonte? Se não é, de quem é a denúncia? São pequenos dramas ocasionados na maioria das vezes pela falta de clareza dos moradores de comunidades locais, que agem de modo intuitivo no trato com os meios de comunicação. Isto é, informando aquilo que “espanta”, que incomoda a rotina, sem necessariamente saber se seria o jornalismo o canal apropriado para a resolução de determinadas problemáticas.

Como não há protocolos ou manuais com orientação do uso do WhatsApp, a cada jornalista cabe enfrentar a rotina da melhor forma possível. Daí os relatos de participação em tantos grupos e a exposição da conta pessoal. Desse imbróglio, focando na capacidade de influência regional de Imperatriz e na potencialidade do WhatsApp, concluímos que há um subaproveitamento da ferramenta, pois é utilizada praticamente para o recebimento e checagem de pautas e agendamento de entrevistas quando se constata a necessidade da presença do jornalista, sempre uma postura passiva. Não se verifica uma produção ativa que pense pautas para o entorno além do factual. Alguns jornalistas até tentam formar um banco de fontes regionais, mas estes raramente são procurados para iniciativa jornalística de investigação. O raio de cobertura das emissoras, o porte de Imperatriz e a audiência das cidades vizinhas são argumentos suficientes para a inclusão da pauta regional.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Sonia. **Territórios do jornalismo**: Geografias da mídia local e regional no Brasil. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

ATLAS BRASIL — Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Perfil do Município de Imperatriz: Indicadores Socioeconômicos e Demográficos, 2020. **Atlas Brasil**. 2020. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/perfil/municipio/210530>. Acesso em: 19 dez. 2023.

BARROS, Jordana Fonseca. **O blog jornalístico regional**: características da cobertura e regionalidade no contexto maranhense. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2022.

DEOLINDO, Jacqueline. Cidade e indústrias de mídia: distinções entre metrópole e interior. In: Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 13., 2013, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UERJ, 2013.

DEOLINDO, Jacqueline. **Regiões jornalísticas**: uma abordagem locacional e econômica da mídia do interior fluminense. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/8857>. Acesso em: 15 maio 2024.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DURTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 61-83

FADUL, Anamaria. Mídia Regional no Brasil: elementos para uma análise. In: FADUL, Anamaria; GOBBI, Maria Cristina. **Mídia e região na era digital**: diversidade cultural, convergência midiática. São Paulo: Arte & Ciência, 2006. p. 23-40.

FILHO, Adelmo Genro. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GASKELL, George. Entrevistas Individuais e Grupais. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 64-89.

GROHMANN, Rafael. Trabalho Digital: o papel organizador da comunicação. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 166-185, jan/abr. 2021.

IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Perfil das cidades e estados brasileiros. **IBGE**. 22 dez. 2023. Disponível em: <https://ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/imperatriz.html>. Acesso em: 15 jan. 2025.

MAIA, Doralice Sátyro. Cidades pequenas: como defini-las? apontamento para o estudo sobre as cidades pequenas. In: Simpósio De Geografia Urbana, 9., 2005, Manaus. **Anais [...]**. Manaus: EDUA, 2005.

MATOS, Marcos Fábio Belo; SOUSA, Letícia Holanda de. Mapeamento dos veículos de comunicação da cidade de Imperatriz-MA. **Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 6, n. 1, p-131-146, Jan/Jun, 2019. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/13477>. Acesso em: 15 maio 2024.

MICK, Jacques; CHRISTOFOLETTI, Rogério; LIMA, Samuel Pantoja. Para pensar a crise no jornalismo, um olhar para a governança social. In: MICK, Jacques; CHRISTOFOLETTI, Rogério; LIMA, Samuel Pantoja (orgs.). **Jornalismo local a serviço dos públicos**: Como práticas de governança social podem oferecer respostas às crises do jornalismo. Florianópolis: Editora Insular, 2021. p. 8-12.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.

OLIVEIRA, Helbaneth Macêdo. **Verticalização urbana e segregação socioespacial em Imperatriz-MA: uma abordagem a partir dos bairros Jardim Três Poderes e Maranhão Novo**. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2017. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/491>. Acesso em: 15 maio 2024.

PEREIRA, Fábio Henrique. O Jornalista sentado e a produção da notícia on-line no Correio Web. **Revista em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 95-108, jan/jun. 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/85/45>. Acesso em: 15 maio 2024.

PEREIRA, Anete Marília. **Cidade média e região: o significado de Montes Claros no norte de Minas Gerais**. 2007. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15921>. Acesso em: 14 maio 2024.

PERUZZO, Cicilia Krohling. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 26, n. 43, p.67-84, 2005.

PINTO, Pâmela Araújo. **Mídia regional brasileira: Características dos subsistemas midiáticos das regiões Norte e Sul**. 2015. Tese (Doutorado em Comunicação e Mediação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015. Disponível em: https://ppgcom.uff.br/wp-content/uploads/sites/200/2020/03/tese_doutorado_2015_pamela_araujo.pdf. Acesso em: 14 maio 2024.

REIS, Thays Assunção. Jornalismo Regional: uma leitura a partir dos critérios de noticiabilidade do jornal O Progresso. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 62-72, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2018v15n1p62>. Acesso em 14 maio 2024.

REIS, Thays Assunção. **A cidade de notícias: um estudo do jornalismo de influência regional de Imperatriz no Maranhão**. 2022. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/17702>. Acesso em: 14 maio 2024.

SILVA, Gabriela Almeida. **O cenário midiático maranhense nas mídias sociais: as características da cobertura informativa em perfis noticiosos do Instagram Maranhão**. 2023. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2023.

SILVA, Sahra Dantas do Rego; TAVARES, Camilla Quesada. Discutindo o jornalismo regional: uma análise a partir dos profissionais de TVs de emissoras maranhenses. In: Encontro Anual Da Compós, 30., 2021, São Paulo. **Anais [...]**.Galoá: Compós, 2021. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2021/trabalhos/discutindo-o-jornalismo-regional-uma-analise-a-partir-dos-profissionais-de-tvs-d?lang=pt-br>. Acesso em: 14 maio 2024.

NOTAS

1. Formada por municípios do extremo norte do estado do Tocantins, o sul/sudeste do Pará e o centro-sul do estado do Maranhão (Sousa, 2005).
2. Microrregião do extremo norte do Tocantins, composta por 25 cidades.

SOBRE OS AUTORES

THAYS ASSUNÇÃO REIS Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Tocantins (PPGCOM/UFT). Doutora em Comunicação (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), mestre em Jornalismo (Universidade Estadual de Ponta Grossa), graduada em Comunicação Social-Jornalismo (Universidade Federal do Maranhão) e em História (Universidade Estadual do Maranhão). thays.assuncao@ufma.br

THAÍSA BUENO Professora adjunta no Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) em Imperatriz desde 2010. Docente permanente do Mestrado em Comunicação na mesma instituição. Pesquisadora formada em Jornalismo pela UFMS, possui doutorado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2015) e Mestrado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2007). Coordena o Grupo de Pesquisa em Comunicação em Ciberultura (GCiber) e integra o Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo, numa parceria entre a UFMA e a UFMS. thaisabu@gmail.com

MARCELLI ALVES Doutora em Comunicação (Jornalismo e Sociedade) pela Universidade de Brasília, UnB. É professora adjunta da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Possui graduação em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1999), especialização em Imagem e Som (2002 UFMS), Mestrado em Produção e Gestão Agroindustrial (2005, Uniderp) e Especialização em Gestão de Negócios de IES (Universidade Estácio de Sá do Rio de Janeiro). É professora adjunta no programa de pós-graduação em Comunicação, na UFMA de Imperatriz. marcelli.alves@ufma.br

Recebido em: 15 de maio de 2024.

Aceito em: 10 de dezembro de 2024.